Conselho Presidencial da Federação Sindical Mundial - FSM

Teerã, Irã, 26 de fevereiro de 2018

*Por Divanilton Pereira**

É com entusiasmo que participo mais uma vez de uma das mais importantes instâncias da FSM. Esta sessão que ora realizamos está marcada pelo seu êxito, seja pela sua representatividade, seja pela sua qualidade política.

Honra-me também por ela ocorrer num país detentor de uma das mais importantes civilizações da humanidade e que até o presente momento, a República Islâmica do Irã, luta para reafirmar a autodeterminação de seu povo.

Através do Secretário Geral da Casa do Trabalhador, companheiro Alireza Mahjoob, agradeço-lhe o convite e a hospitalidade que toda a sua equipe nos proporciona.

A minha contribuição a este coletivo está concentrada na análise do quadro político mais geral, pois ele condiciona a vida da classe trabalhadora em nível mundial.

Passado um ano do nosso último encontro em Havana, Cuba, constata-se que as condições geopolíticas continuam tensas e imprevisíveis. E que a continuidade da crise capitalista, além de acelerar esse processo, realiza um retrocesso civilizacional, sobretudo no que diz respeito ao rebaixamento dos direitos da classe trabalhadora. Nesse quadro, a paz mundial também está seriamente ameaçada, pois o império estadunidense para tentar manter sua hegemonia, notadamente em declínio relativo, intensifica suas ações belicistas em escala planetária.

É um movimento reativo frente ao impulso que a multipolaridade, liderada por novos polos políticos e econômicos, vêm alcançando. Ganha relevância alternativas como o Banco de Investimento do BRICS e acordos entre seus membros sem o padrão dólar, com destaques para a China e a Rússia. O Congresso do Partido Comunista da China, realizado no ano passado, reafirmou que o arcabouço geopolítico do pós-guerra está esgotado e por isso assumirão um novo papel.

No que pese essa transição, o sistema financeiro, associado aos objetivos imperialistas, continua impondo suas diretrizes em escala global. Tendo como sócios os grandes conglomerados oligopolistas, promovem grandes concentrações e centralizações de capitais. Através de uma agenda ultraliberal agridem a democracia, a soberania, os direitos sociais e sufocam ou inviabilizam a produção real.

A resultante é o crescimento vertiginoso do desemprego, do desalento na juventude, da desproteção socio-laboral e o genocídio contra os imigrantes. Esse conjunto produz no campo político, sobretudo na Europa, o crescimento do conservadorismo, da intolerância e do fascismo. Até mesmo centros, como os EUA e a Inglaterra, têm suas economias perdendo empregos qualificados como consequência desse modelo excludente de globalização. Donald Trump é filho dessa circunstância.

Esse estágio da globalização, que expressa o desenvolvimento desigual das nações, inevitavelmente e principalmente atinge as economias semi e periféricas. Nesse contexto, a América Latina e o Caribe estão vítimas de dois grandes objetivos que se entrelaçam e maltratam nossos povos.

O primeiro diz respeito ao interesse dos EUA em querer recuperar sua influência política na região. Nessa direção, patrocinaram o golpe político no Brasil e a derrota eleitoral na Argentina, fatos desiquilibraram o continente a favor do império. Contudo, Cuba, Bolívia, Nicarágua e a Venezuela lideram a resistência.

Este último, contra os EUA, está em uma aberta guerra midiática, econômica e política, fato que justifica, por isso proponho, que esse encontro aprove uma moção de apoio à revolução bolivariana.

Já no Brasil, o governo golpista continua com sua agenda antinacional e anti-trabalho. No ano passado aprovou uma nova legislação trabalhista que impõe ao trabalhador as condições do século XIX. No que pese esse quadro, sob a liderança e a unidade das centrais sindicais, derrotamos o intento do Governo em aprovar uma nefasta reforma previdenciária. A direita, ainda sem um nome que os unifique nas próximas eleições presidenciais de outubro próximo, atropelam

grosseiramente o estado de direito e tentam impedir que o ex-presidente Lula tenha o direito de se candidatar.

O segundo, obedecendo a mesma lógica do primeiro, trata-se da dominação econômica. É uma ofensiva que visa recolonizar a região e reposicioná-la para que retomemos o mero papel exportador de matéria prima.

Portanto, as condições objetivas e subjetivas sobre as quais atuam o sindicalismo classista em nível internacional continuam adversas. Além dos aspectos geopolíticos e econômicos que provocam uma nova divisão internacional do trabalho com o seu valor rebaixado, está em curso uma nova escalada de inovações tecnológicas e gerenciais, com destaque para a indústria 4.0, que ao diminuir o trabalho vivo incrementa ainda mais o desemprego tecnológico. Outrossim, esse conjunto de processos induz a classe trabalhadora a perder sua identidade, cultivar o individualismo e negar, consequentemente, as organizações sindicais.

São desafios que requerem um sindicalismo classista, com uma concepção que não apenas adapte-se a ordem excludente vigente, pelo contrário, mesmo reconhecendo o quadro real, esse sindicalismo deve acumular forças e recompor, política e organicamente, as mulheres e os homens que vivem do trabalho. Nessa perspectiva, urge termos os locais de trabalho como foco de atuação de nossos Sindicatos para o próximo período. Além dos meios tradicionais, precisam investir nos modernos recursos informacionais para se estabelecer uma relação eficaz com esses ambientes laborais.

Agrego a essa diretriz uma outra que já aprovamos em Havana, que 2018 é o ano internacional de formação da FSM. Creio que a realização combinada entre elas pode minimizar os efeitos que atingem a representatividade do sindicalismo em nível mundial.

A partir das resoluções do seu 17º congresso, como também de seu último Conselho Presidencial, concluo opinando que a FSM continua com sua ascendência política internacional, aumentando o seu prestígio e contribuindo para elevar a consciência da classe trabalhadora mundial, criando assim, as condições para a sua verdadeira emancipação.

Viva a FSM!

Viva a Classe Trabalhadora Mundial!

Muito obrigado!

Divanilton Pereira é Secretário Geral Adjunto da FSM e Vice-presidente Nacional da Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTB).